

O mito da localidade do “frango britânico” Sobre cadeias transnacionais e *local-washing*¹

Raisa Ramos de Pina, UnB

Palavras-chave: níveis de escala; globalizações; transnacional.

Introdução

Este trabalho apresenta resultados de uma antropologia das globalizações realizada a partir de etnografia no Reino Unido sobre a criação e expansão da maior corporação frigorífica do século XXI. O trabalho é uma versão prematura de um dos capítulos da tese de doutorado defendida em maio de 2026. O objetivo inicial da pesquisa era entender como uma corporação que acumula crimes e violações no Brasil conseguiu entrar em um mercado protecionista como é o Reino Unido. Ao longo da investigação, os dados etnográficos trouxeram revelações interessantes para campos variados da antropologia, permitindo refletir sobre globalizações, capitalismo transnacional, elites e níveis de escala. Para este artigo especificamente, o foco é detalhar a estratégia capitalista que criou o mito do “frango britânico”. Na Inglaterra, o frango é “patriota”, vendido com a bandeira do Reino Unido e com o adjetivo “britânico” para diferenciação. O objetivo é valorizar o produto, como se “britânico” fosse melhor, mais confiável, mais sustentável. Entretanto, por trás do “frango britânico” existe uma corporação de origem brasileira e uma rede complexa de atores multi-nível.

Há aqui dois fenômenos do século XXI, um em nível local, outro em nível transnacional. O primeiro é a mania da localidade no Reino Unido pós-Brexit; o segundo é a manipulação (e capitalização) da localidade por corporações transnacionais. Essa instrumentalização para lucro disfarça a complexidade da origem da mercadoria, como se uma produção imersa em cadeias globais pudesse ser resumida e fixada a uma localidade única. Ao longo do trabalho, trago dados etnográficos que permitem questionar a localidade purista do “frango britânico” para responder: o que de fato é “britânico” no “frango britânico”? As conclusões apontam para uma estratégia corporativa de criação de

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026).

mitos sobre si mesma e estabelecimento de uma manobra de *local-washing* para favorecer a acumulação de elites transnacionais.

A chegada em campo

Eu fui para a Inglaterra em junho de 2022 para levantar dados prévios à minha pesquisa de doutorado sobre a criação e expansão da maior corporação frigorífica do século XXI. O objetivo inicial, antes mesmo do meu projeto de pesquisa ficar pronto, era entender como a JBS, uma empresa que acumula tantos crimes e violações no Brasil, conseguiu entrar em um mercado protecionista como é o Reino Unido. Quando desembarquei na Ilha do Norte em busca da presença da JBS na nação, procurei inicialmente por carne bovina, o carro-chefe da corporação, mas logo percebi que carne bovina faz bem menos parte da alimentação dos britânicos do que é no Brasil. Quando pensamos em comida inglesa, pensamos em peixe ou salsichas suínas. Carne bovina mesmo é raro de encontrar. Curiosamente, o que me chamou atenção quando cheguei na Inglaterra não foram os pescados ou as proteínas derivadas de suínos, mas uma outra proteína animal extremamente popular: o frango.

Em todo lugar havia frango, em grandes quantidades. Na rua da primeira casa onde morei, por exemplo, localizada em *Shepherd's Bush*, no oeste de Londres, eu pude contar vinte e sete lanchonetes e restaurantes vendendo produtos de frango processado, em uma distância de menos de dois quilômetros (exatamente 1,7 km). Esses estabelecimentos foram contados entre minha casa e a estação de metrô mais próxima. Dos vinte e sete estabelecimentos, quase metade (doze) deles eram exclusivamente especializados em frango: *nuggets*, frango empanado com batata frita, sanduíche de frango, *kebab* de frango e por aí vai. Muitas vezes, com preços muito baixos. Um sanduíche de frango empanado, por exemplo, era anunciado por £1,99.

Mesmo em restaurantes não exclusivos de frango, como um buffet de comida internacional localizado em um *shopping center* de bairro, de vinte e oito receitas feitas com algum tipo de proteína animal, catorze (50%) eram de frango. Peixe ou frutos do mar somaram oito opções, quase metade das opções de frango. Carne bovina estava em apenas

uma opção de prato. O restante das opções contemplava também pato (três opções) e cordeiro (duas opções).

Figuras 1, 2 e 3 - Avenida em *Shepherd's Bush*, entre minha casa e a estação de metrô, que tem doze lanchonetes exclusivamente especializadas em frango em uma distância de 1,7 km. Fotos da autora.



Uma outra evidência da centralidade do frango na alimentação britânica pode ser encontrada nas redes de supermercados mais conhecidas do Reino Unido, como *Tesco*,

Sainsbury's, *M&S* e *Waitrose*. Neles, há pouca carne à mostra, mas muito frango. E foi no frango dos supermercados que encontrei a JBS.

Em 2015 a empresa adquiriu uma das mais tradicionais corporações de frango do Reino Unido, a *Moy Park*. Mais antiga do que a matriz, a *Moy Park* foi fundada uma década antes da JBS, em 1943, também como uma empresa familiar do interior da Irlanda do Norte, que se expandiu ao longo dos anos até se tornar uma das três maiores produtoras do Reino Unido (entrevista com representante do *British Poultry Council*, em abril de 2023). Apesar de ser uma empresa tradicional do Reino Unido, com operações na França e na Holanda, a *Moy Park* já era “brasileira” antes da JBS. Isso porque em 2008 a concorrente Marfrig adquiriu a empresa do estadunidense *OSI Group* (The Grocer, 2008) para expandir a atuação no continente europeu. Sete anos depois, a Marfrig vendeu a empresa inglesa para a concorrente brasileira JBS, para pagar dívidas (The Irish Times, 2015). Com a aquisição, a JBS, que até então tinha uma humilde presença na Europa com uma empresa pequena de salames na Itália, tornou-se uma das maiores produtoras de frango do continente, de um dia para o outro, via aquisição de portas fechadas.

Apesar do aumento do consumo de frango no Reino Unido ser observado de maneira similar ao dos Estados Unidos, houve uma diferença na forma de apresentação desse frango. Striffler (2005) comenta que, já na década de 1980, um terço dos frangos vendidos nos supermercados estadunidenses eram “de marca”, ou seja, vendido com rótulos já conhecidos pelos consumidores, o que no Brasil seria, por exemplo, um frango Sadia ou Perdigão. Isso é uma forma de agregar valor sem de fato mudar a forma de produção. Mas durante meu campo na Inglaterra, observei um comportamento diferente. Lá, o frango é vendido com a marca do supermercado que o vende. É o “Frango *Tesco*”, “Frango *Sainsbury's*”, “Frango *Waitrose*” e assim por diante. O rótulo destaca a marca do supermercado, com a bandeira do Reino Unido e o adjetivo “britânico” para qualificar o produto. O objetivo é valorizar a mercadoria, como se fosse “*British*” fosse melhor, mais confiável.

Figuras 4 e 5 – Da esquerda para a direita, de cima para baixo: prateleira de frango do supermercado *Morrisons*, com bandeira do Reino Unido. Ao lado, frango do supermercado *Sainsbury's*, com bandeira do Reino Unido. Fotos da autora.



Mais do que a preocupação de uma pegada de carbono reduzida, quando comparado com produtos que entram no mercado inglês via importação, a ideia é que o produto britânico seja livre de problemas sanitários, ambientais, de bem-estar animal e trabalhistas. É isso o que é sempre ressaltado entre os consumidores.

Moy Park: uma empresa britânica

A Moy Park foi criada em 1943 em uma vila de Dungannon chamada Moygashel, no interior da Irlanda do Norte, com uma história patriarcal e familiar como a da JBS. Em 1984, no meio dos *Troubles*, mudou-se para Craigavon, saindo de uma cidade majoritariamente republicana para uma majoritariamente unionista. Quando passou para o controle brasileiro, em 2008 com a compra pela Marfrig, ela já tinha perdido o controle britânico antes para uma empresa estadunidense. Foi em 2015 que a JBS adquiriu a empresa da concorrente. Em 2017, a JBS passou a Moy Park para sua estrutura corporativa estadunidense, vendendo a empresa para outra subsidiária, a *Pilgrim's Pride*, que integra a JBS USA.

A empresa tem hoje doze plantas industriais, sendo três na Irlanda do Norte, cinco na Inglaterra e quatro na União Europeia (França e Holanda). Apesar de tanta internacionalização, a empresa ainda é lida não apenas como uma empresa britânica, mas também como uma empresa familiar. Um membro do Parlamento Britânico,

representante da Irlanda do Norte com quem conversei, disse que a primeira vez que ouviu sobre a *Moy Park* foi há mais de cinquenta anos.

A indústria de frango e aves é muito importante para a Irlanda do Norte, e uma das empresas mais proeminentes em todo o setor de processamento é a *Moy Park*. Ela é a referência para o processamento de frango no Reino Unido e na Irlanda, é uma empresa líder. Menos conhecido, agora, é o fato de que ela pertence a uma empresa brasileira, mas isso não é o ponto aqui. O ponto é a própria *Moy Park* e seus altos padrões. É por isso que a empresa brasileira quis comprá-la. Mas o mais importante é que esses altos padrões sejam mantidos e que se continue trabalhando para isso (Entrevista com membro do Parlamento Britânico, representante da Irlanda do Norte, realizada em abril de 2023).

Para o parlamentar, pouco importa quem concentra a propriedade, reconhecendo que é uma dinâmica internacional, mas que o produto mantenha os padrões de segurança alimentar, sanitária e de bem-estar animal. Mais para a frente na conversa, o parlamentar acrescentou à lista de importância que a produção deve ser local. Isso explica em partes porque, no Reino Unido, a JBS não quer aparecer na foto. Não há *marketing* sobre a JBS no Reino Unido como existe no Brasil, com contratação de celebridades, jornalistas etc. Na Europa, a corporação quer se fazer perceber como britânica, com os altos cargos ocupados majoritariamente por britânicos (entrevista com diplomatas e membro do Conselho Administrativo da JBS, realizada em outubro de 2023, e confirmada em etnografia).

Figura 6 - Fachada da sede da Moy Park, em Craigavon. Foto da autora.



Fui visitar a sede da subsidiária britânica, na pequena cidade de Craigavon, localizada a quarenta e três quilômetros a sudoeste da capital do norte – em português se pronuncia “Creigávon”. A cidade tem uma história peculiar com papéis bem estabelecidos na disputa separatista e na industrialização de uma Irlanda do Norte rural. O nome da cidade homenageia uma figura controversa, James Craig, também conhecido como Visconde Craigavon. Ele foi um irlandês unionista histórico, nascido em Belfast em 1871, e intitulado o primeiro Primeiro-Ministro da Irlanda do Norte com a divisa da Irlanda em 1920, governando por vinte anos até sua morte em 1940. É a imagem dele que dá boas-vindas aos visitantes da Assembleia Legislativa da Irlanda do Norte, a Assembleia de *Stormont*, e é o nome dele que batiza a cidade onde hoje se encontra a sede da subsidiária britânica da JBS. Sua construção, iniciada em meados da década de 1960, foi inspirada em Brasília (Ulster Television Archive, 1963) e, assim como a capital brasileira, ofereceu subsídios aos negócios pioneiros que se instalassem no local em construção.

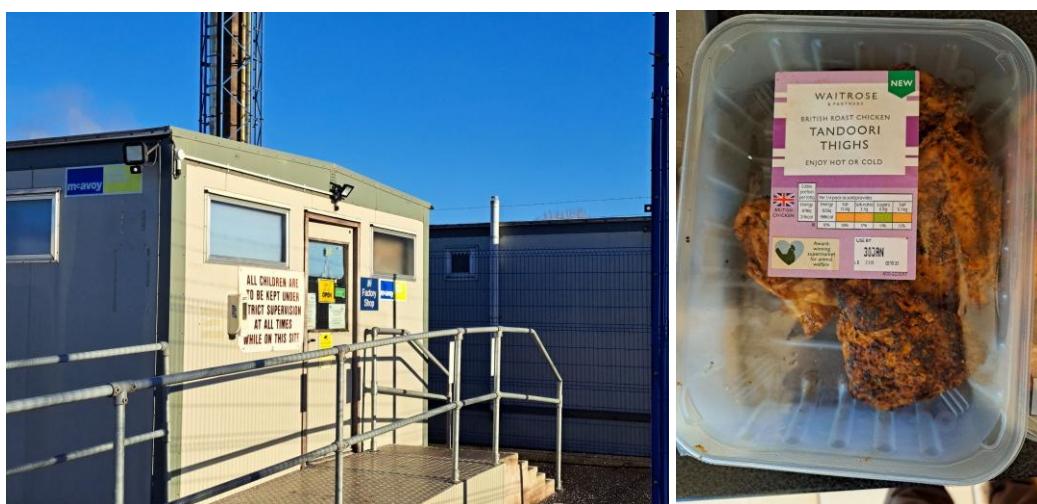
Figura 7 - Localização de Craigavon com relação a Belfast. Foto: Google Maps.



A cidade é amplamente conhecida por ter sido um projeto de desenvolvimento fracassado, que nunca prosperou. Até hoje é deserta, sem vida, com grandes reivindicações populares por mais serviços. Não há um centro, não há pub, não há cinema. São apenas casas residenciais e um *shopping center* fechado que reúne todo o pequeno comércio local. A área da fábrica da Moy Park, mais deserta ainda, pois afastada do que seria o “centro”, conta com uma “*Factory Shop*” (uma loja da fábrica). Vi umas duas pessoas entrando e

saindo e, percebendo que o acesso da rua era direto, entrei. Encontrei cinco freezers recheados de produtos da *Moy Park* à venda por um preço muito barato: três embalagens de 500g de frango por £5. Os produtos eram claramente restos dispensados da fábrica por algum motivo, todos embalados prontos para seus destinos. As embalagens já têm as marcas dos supermercados-clientes: *Tesco*, *Sainsbury's*, *Waitrose*. Essa foi uma descoberta interessante da visita: os produtos da *Moy Park* já saem da fábrica com as embalagens dos supermercados de destino. São as mesmas mercadorias que comprava no *Tesco* da esquina da minha casa em Londres. E são produtos de frango pronto para consumo, temperados e cozidos, sabor curry indiano, por exemplo.

Figura 8 e 9 - *Factory Shop* da *Moy Park* e os produtos vendidos nela, com rótulos dos supermercados de destino: *Waitrose*, *Tesco* e *Sainsbury's*. Fotos da autora.



Um local marcado por conflitos de identidade e pertencimento

Cheguei na Irlanda do Norte em 15 de janeiro de 2023, desembarquei na capital Belfast, por um voo doméstico de Londres. Durante o voo, assisti a um filme sobre o massacre da banda irlandesa “Miami”, executada na década de 1970 em uma emboscada da UVF com apoio do exército britânico (*The Miami Showband Massacre*). Quase todos os materiais e informações sobre a Irlanda do Norte são sobre um contínuo período de tensões entre separatistas republicanos católicos e unionistas monarquistas protestantes. Na minha perspectiva até antes de visitar a região, assim como a de muitas pessoas com quem conversei pelo caminho, era de que o passado de guerra civil e atentados estava muito no passado, e que a maior parte do conflito se resumia ao desejo do IRA de tornar a Irlanda

do Norte independente do Reino Unido e parte da República da Irlanda. Essa concepção se mostrou totalmente equivocada tanto pela presunção de que essa história está no passado quanto pela impressão de que apenas o IRA fomentava a violência civil.

A imprensa continua noticiando sobre a presença dos paramilitares “que nunca vão embora” e de um passado que nunca se resolve (Financial Times, 2023; The Economist, 2023). Quando o avião se aproximava para aterrissar em Belfast, vi uma Irlanda do Norte quadriculada de pequenas pastagens familiares. Antes de viajar, já estava bombardeada com o que achei que fosse um passado violento causado por uma divisão entre os que querem a independência da Inglaterra como o sul da ilha e os que querem continuar sob o guarda-chuva de um Reino. Desde antes, comecei a acompanhar as notícias sobre a Irlanda do Norte e fiquei surpresa não apenas com a violência urbana e de gênero como com a presença do que achei que estaria muito no passado.

Existe um silêncio na cidade, nos murais de associações paramilitares e nas paredes das igrejas que aparecem com mais frequência no horizonte urbano do que eu imaginava. O ar como se todos pisassem em ovos o tempo todo. Uma cidade onde violência e religião andam lado a lado, em um país em conflito de pertencimento, no centro de um dos impérios mais fortes do Norte Global. A guerra civil está apaziguada em bombas desde 1998, mas há ainda uma energia e uma sensação de eterna ameaça e vigilância. Quase todos os dias, matérias dos jornais mais populares circulam reportagens ou sobre possíveis atentados do IRA, ou sobre a busca por memória e justiça dos tempos mais conflituosos conhecidos como *The Troubles*. É impossível falar da Irlanda do Norte sem conhecer o contexto histórico que ainda pulsa nas ruas. Uma sociedade dividida entre nacionalistas católicos e lealistas protestantes, em luta por independência e soberania, ao mesmo tempo que permanece como braço de controle da coroa britânica. O tempo aqui, na primeira visita, passa devagar. Neva, olho para uma cidade tentando decifrá-la, sem ainda compreender como entrar nela, apesar de já estar nela.

Da mesma forma que o voo Londres-Belfast é um trecho doméstico, pois Reino Unido, o trecho Belfast-Dublin também é um trecho doméstico, em que não há controle de fronteira, mesmo que, após o Brexit, o norte da Irlanda não seja mais parte da União Europeia, como é o sul da ilha. Para os negócios, apesar de ter havido muita polêmica e debate sobre os produtos que transitam entre a Irlanda do Norte e a Grã-Bretanha e vice-

versa, fica claro que os negócios localizados na Irlanda do Norte, incluindo a Moy Park, têm um benefício duplo de ter um pé no Reino Unido e um outro pé na União Europeia que o resto do Reino rejeitou. Isso se dá porque para pacificar as revoltas dos *Troubles*, foi assinado um acordo em 1998 chamado Acordo de Belfast, também chamado de *Good Friday Agreement*, um tratado firmado entre Inglaterra e Irlanda em que concordavam que a Irlanda do Norte continuaria parte do Reino Unido, mas que, entre as Irlandas, não poderia haver fronteira. A identidade nacional na Irlanda é uma coisa curiosa.

O censo sobre a identidade das pessoas da região mostra essa complexidade, com 49% da população não se identificando como britânica, dos quais 29% se identificam como *apenas* irlandês e outros 20% se identificando como *apenas* norte-irlandês. Segundo o último censo realizado, menos de 32% da população se identifica como *apenas* britânica, e o restante tem identidades nacionais estrangeiras (Irlanda do Norte, 2023). O “apenas” aqui é uma garantia do Acordo de Belfast. O item VI do artigo 1 do acordo reconhece o direito das pessoas da Irlanda do Norte de identificarem-se como irlandesas ou britânicas ou ambas simultaneamente, tendo esse direito estendido para o reconhecimento da cidadania, respeitado pelos dois governos. O item ainda reforça que tal decisão não pode ser afetada por nenhuma mudança futura do status da Irlanda do Norte (Irlanda do Norte, 1998).

A questão da identidade nacional por lá é, por vezes, ambígua e sempre política. A resposta que se dá para a nacionalidade identifica também a posição política sobre o controle histórico da Irlanda pela Inglaterra, a opinião sobre monarquia e república, e sua religião entre católicos e protestantes. Para os que acham que as disputas na Irlanda do Norte já estão pacificadas, as eleições locais de 2023 mostram o contrário. O partido que teve a maioria dos votos, com mais representantes eleitos e tornando-se o maior partido da Irlanda do Norte, foi o partido republicano, Sinn Féin, com 144 cadeiras. Se somado com o outro partido republicano, Social Democratic and Labour Party, os representantes políticos pela separação da Irlanda do Norte da Inglaterra contam 183 cadeiras no total. Os partidos unionistas, entretanto, apesar de terem tido menos votos individualmente, somam 195 representantes políticos (Belfast Telegraph, 2023). Apesar de serem maioria, apenas doze representantes de diferença marcam uma Irlanda do Norte ainda dividida.

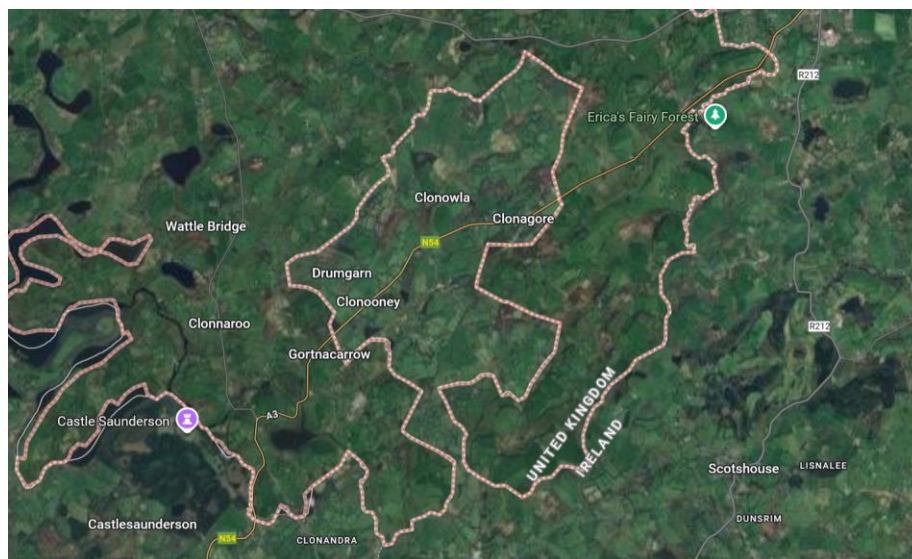
A segregação ainda é um problema real, com crianças frequentando escolas divididas por religião. Apenas 8% das crianças frequentam escolas integradas, e 70% da população ainda vive em bairros segregados (The Irish Times, 2025). A história de violência ainda está muito presente na rotina do norte-irlandês, seja pelas memórias, por um desejo de reparação pelas famílias afetadas e uma ainda existente disputa entre separatistas e unionistas (às vezes velada, às vezes escrachada). O momento pós-Brexit reacendeu os debates na região sobre o real pertencimento da Irlanda do Norte, o localizada fora da ilha da Grã-Bretanha, na ilha da Irlanda, a esse Reino Unido, sendo que ao sul da ilha, a República vizinha, faz parte da União Europeia e, entre norte e sul, não pode haver fronteira graças ao tratado firmado em 1998 para a pacificação dos conflitos. Com o Brexit e a vontade de Inglaterra de levantar barreiras entre o que é Reino Unido e União Europeia, os limites entre Irlanda do Norte e República voltaram a ser uma questão, menos pela questão de mobilidade de pessoas e mais por quem paga e quem recebe tarifas alfandegárias.

Considerando que a Irlanda do Norte é o celeiro da Inglaterra, e que existe um trânsito intenso de mercadorias entre Norte e Sul da Irlanda, as lideranças políticas estavam muito preocupadas em saber se o frango produzido na região norte deveria ser taxado se transportado para Dublin, por exemplo. Por meses, ouvi nos noticiários britânicos o Primeiro-Ministro Rishi Sunak reforçando que os produtos produzidos pelo Reino Unido para o Reino Unido deveriam permanecer no Reino Unido, com identificação no rótulo. O que transitasse entre as Irlandas, deveria ser um produto produzido para exportação, com identificação no rótulo e taxas alfandegárias. Parece uma discussão óbvia, mas pensada na realidade da Irlanda, entendemos a complexidade, porque não há fronteira física, não há controle alfandegário nem de passaporte entre as Irlandas. Não pode ter pelo Good Friday Agreement. Além disso, apesar de haver uma fronteira política entre as regiões, muitas pessoas transitam entre elas como se não houvesse diferença.

Imagine morar em Clonowla ou nas cidades vizinhas, que são um pedaço de República da Irlanda completamente rodeado pelo Reino Unido, exceto por um estreito ao sul. É como se fosse uma Lesotho no Reino Unido, salvo devidas realidades, mas é uma nação cercada por outra, com habitantes em intensas disputas de identidade. Ao noroeste da Irlanda do Norte, há talvez a maior treta das questões identitárias, em uma cidade que não consegue concordar sequer no nome do município. Completamente polarizada, a cidade

é chamada de Derry entre republicanos católicos e de Londonderry entre unionistas protestantes. No mapa, ambos os nomes aparecem: Londonderry/Derry. Dependendo de como uma pessoa escolhe chamá-la, isso vem acompanhado de uma posição política clara: se é pelo separatismo ou pela união com a Inglaterra, se é republicano ou monarquista, se é católico ou protestante.

Figura 10 – Detalhe da fronteira sul entre Irlanda do Norte e República da Irlanda. Foto: Google Maps.



Os *Troubles* e toda a disputa pela independência da Irlanda do Norte ainda está muito vivo na memória e no dia a dia da ilha. Ainda hoje é uma sociedade segregada e em conflito (que alguns chamam de pós-conflito). As pessoas que lutaram pela separação durante os *Troubles* estão bem vivas e ainda insatisfeitas com a permanência do Norte sobre a regra da coroa inglesa. Os republicanos acreditam que a união da Irlanda é questão de tempo. As eleições locais que acompanhei em 2023 mostraram que o sentimento separatista e republicano é grande. Mesmo assim, a autonomia política do Norte não existe na prática. Pela configuração do governo parlamentarista do Reino Unido, existe a representação na esfera nacional no Parlamento Britânico, cuja a sede é em Londres, e existe uma representação local em cada uma das partes que compõem o Reino Unido. Na Irlanda do Norte, é a Assembleia de Stormont, que por sua vez tem uma configuração curiosa para mediar a história de conflito, chamado de *power-sharing*.

O *power-sharing* determina que a Assembleia local só pode governar em divisão igual de poder entre republicanos e unionistas, que devem ter consenso sobre todos os temas de discussão. É como se o Congresso brasileiro, por exemplo, tivesse que encontrar consenso entre lulistas e bolsonaristas em todas as matérias. Na impossibilidade de consenso, a decisão cabe ao Parlamento Britânico de Westminster que, apesar de eleger parlamentares republicanos do Sinn Féin, eles não tomam posse por não jurarem lealdade à coroa inglesa, como manda o protocolo. As cadeiras restam desocupadas por uma política declarada do partido de se abster, mesmo sendo o maior partido norte-irlandês, com maior representação em Westminster (Reuters, 2024). Nos momentos em que estive na Irlanda do Norte, estavam sem governo e, portanto, as pautas locais foram transferidas para Westminster, mas ainda era possível visitar Stormont. Na sala dos senadores, há três símbolos pintados no teto, que representam as forças econômicas da Irlanda do Norte: têxteis, navios e agropecuária. Entendi como uma indicação de que meu objeto de pesquisa estava próximo.

Este não é um trabalho sobre a Irlanda, mas mesmo assim, acho importante trazer alguns elementos de contextualização da localidade da subsidiária britânica da JBS, a que expandiu a atuação da corporação na Europa e inaugurou a fase global da empresa a partir de 2015. É importante entender os pormenores da localidade para refletir sobre o quanto do global depende da localidade e o quanto é ignorado. A questão da identidade irlandesa é completamente ignorada pelo global, apesar de ser central na localidade.

***The Britishness of the British chicken* e o mito da localidade**

Como eu disse, um fenômeno peculiar na Inglaterra logo saltou aos meus olhos quando cheguei por lá: uma mania pelo que é “*British*”. O rótulo dos produtos à venda nos supermercados e lanchonetes com frequência dá uma nacionalidade ao que está sendo vendido. Não se trata apenas de frango, mas de “*British*” frango, com uma bandeirinha do Reino Unido no rótulo. Ovos, frutas e qualquer outro produto no supermercado produzido no país exibe com orgulho a informação, que me levanta questionamentos sobre a integridade dessa informação. Por exemplo, se o produto é estrangeiro mas é

embalado na Inglaterra, lá está a bandeirinha com esse destaque: “embalado no Reino Unido”. Fiquei me perguntando se seria um fenômeno recente pós-Brexit e ascensão do conservadorismo xenófobo na Inglaterra ou se vem de mais tempo, talvez com a preocupação da emissão de carbono. Essa informação não consegui comprovar. Mas é fato que ele existe: a mania britânica pelo que é britânico nas prateleiras dos supermercados, em especial o frango “Britânico”.

Mas o que é esse *British chicken*? Podemos complexificar essa qualificação pelo 1) fluxo de capital e propriedade, 2) pela localidade na sede industrial, 3) pelo proletariado envolvido na produção, 4) pela genética do frango e 5) pela cadeia de suprimentos, como pretendo desenvolver nesta seção.

Esse fenômeno do *British chicken* é reforçado pela Moy Park, que vende seu frango sob o rótulo de British, para redes que vendem seus produtos sob a propaganda do local. Na porta de todas as unidades de supermercados Tesco, por exemplo, está estampado que ali se vendem produtos britânicos, de fazendeiros locais. Mas aqui eu quero olhar melhor para a composição desse frango, começando pelo fluxo de capital e propriedade.

A corporação de origem britânica há décadas não pertence mais a grupos locais. É uma empresa de propriedade brasileira via uma subsidiária estadunidense, com os lucros alimentando acionistas de diversas nacionalidades, mas especialmente brasileiros e estadunidenses. Se olharmos para a questão da localidade, mesmo se ainda continuasse sob propriedade britânica, alguns poderiam questionar a “britanidade” da Moy Park por uma lente anti-colonial. A empresa é originalmente norte-irlandesa, de uma região historicamente sob disputa por sua autonomia, mas controlada pela coroa britânica. Grande parte da população não se considera britânica e briga pela independência republicana. A “identidade nacional” do que é da Irlanda do Norte não é exatamente clara nem pode ser considerada britânica *à priori*. Como as últimas eleições locais mostraram, a maioria dos representantes eleitos na Irlanda do Norte são separatistas republicanos e não se reconhecem como parte do Reino Unido.

Um outro ponto que me ajuda a problematizar a “*Britishness*” do *British chicken* é pela classe trabalhadora. A composição do proletariado da Moy Park é constituída majoritariamente por trabalhadores imigrantes, especialmente vindos do leste europeu e

do Timor Leste. Entrei em três grupos de Facebook da Moy Park e fiz uma avaliação dos perfis que fazem parte dessas comunidades. A grande maioria era claramente não britânica, inclusive com perfis em outros idiomas. Mandeí mensagem para alguns dos membros e consegui conversar com um apanhador de frango da empresa. Ele era do Timor Leste. Aparentemente, há uma comunidade grande de timorenses que trabalham para a empresa. Ele me contou que mudou-se há seis anos para trabalhar e hoje está como apanhador de frangos em uma das plantas do norte da Inglaterra. Ele diz que o emprego é ruim e que a maioria de suas colegas mulheres são da Bulgária e Romênia, e que os homens têm passaporte português.

Um ponto interessante sobre o *British chicken* é que nem mesmo a genética desse frango é britânica. As raças de frango de comercialização atualmente são concentradas por apenas três corporações no mundo. São elas a estadunidense Tyson, a alemã EW Group e a holandesa Hendrix (Tak et al., 2022). A genética usada pela Moy Park para a produção de seus frangos é fornecida por empresas que não são britânicas. E se considerarmos a alimentação desse frango, também não é de origem britânico. É soja que vem do Brasil, conforme me foi comprovado por dois interlocutores que trabalham na empresa.

A JBS não quer se expor no Reino Unido, existe uma decisão deliberada de se passar como local, escondida atrás da Moy Park. Quando entrevistei diplomatas brasileiros na Europa, foram claros em dizer que a JBS não quer ser associada na Europa. Da mesma forma, um dos executivos da corporação na Europa explicou que grandes supermercados não colocam produtos brasileiros na prateleira porque “tem toda a questão do desmatamento e da Amazônia”. O frango que vem do Brasil para o Reino Unido é um produto ultra-processado e congelado que vem para abastecer os serviços de alimentação, como McDonald’s e KFC, não é colocado na prateleira para o consumidor escolher, se não ele prefere não comprar. No caso do fornecimento ao McDonald’s inclusive, é uma granja especial que fornece.

Chamo isso de *local-washing*, uma lavagem do real local, ou manipulação das complexidades da localidade por trás de uma aparente produção local. A maioria das pessoas não sabem que a Moy Park é brasileira, ou tentam enganar ou mascarar com a propriedade estadunidense. Das pessoas que entrevistei, um diretor britânico disse que antes de começar a trabalhar na empresa, nunca tinha ouvido falar da JBS, mesmo que

fosse a maior corporação de carne do mundo. “A maioria das pessoas no UK não ouviram falar da JBS”, ele comentou. Um sindicalista britânico confirmou, disse que pessoas locais pensam que é uma empresa local, “É uma marca”. O diretor local de comunicação fez questão de reforçar que a Moy Park é ligada a uma empresa dos EUA, a Pilgrim’s Pride, e que tinha mais contato com a equipe estadunidense.

Quando eu estava tentando contato com trabalhadores para entrar na Moy Park, uma das primeiras mensagens que recebi de alguém de dentro da empresa foi de um operário que tentou me dissuadir: “A Moy Park foi na verdade vendida pelos brasileiros para uma empresa norte-americana de avicultura chamada Pilgrim’s, em 2017”, foi a resposta que recebi. É o *local-washing* criando um mito da localidade e lavando a realidade por trás do frango. Entretanto, essa é uma categoria negociada, porque às vezes é bom ressaltar o quanto essa “empresa local” é uma “empresa global”. Um outro membro do Parlamento britânico que entrevistei comentou:

A Moy Park é uma empresa global; ela pertence ao Brasil, portanto é uma indústria muito, muito significativa. Empresas globais existem em todo o mundo. Elas compram empresas locais na Irlanda do Norte e as inserem em sua estrutura global; com isso, garantem empregos, garantem postos de trabalho para as pessoas e, ao fazer parte do mercado mundial e dessa estrutura global, você pode potencialmente alcançar um mercado mais amplo. Agora, uma das coisas que a Moy Park permitiu que os produtores da Irlanda do Norte fizessem foi ir além da União Europeia e alcançar o restante do mercado mundial. O mercado global é muito bom para partes do frango que normalmente não comeríamos no Reino Unido ou na Europa. Então, por exemplo, o mercado asiático e outros mercados talvez queiram essas partes da carne, esses cortes específicos, e isso abriu um novo mercado que a Moy Park ajudou a desenvolver. Assim, eles aumentaram o valor da ave que está sendo processada (Membro do Parlamento Britânico em entrevista realizada em março de 2023).

O mito da localidade desinforma sobre as complexidades da produção e da financeirização de uma indústria de larga-escala e, apesar de ser fruto da globalização, vai contra ela. É mais um paradoxo do capitalismo imperialista, assim como também é um paradoxo a Moy Park ressaltar sua suposta localidade no Reino Unido e, ao mesmo tempo, fazer um esforço para intensificar suas exportações.

[Ao] comprar produtos britânicos, você está apoiando as economias locais e nacionais, está apoiando os produtores da sua região, está apoiando os negócios locais e, obviamente, está fazendo a sua parte pelo meio ambiente, no sentido de que esses

alimentos não precisam viajar longas distâncias — tudo é muito localizado (Representante do British Poultry Council, entrevista realizada em março de 2023).

Ao fim de seu livro, Striffler (2005) faz recomendações para uma produção alternativa de frango, em que ele elenca sete pontos para uma produção sustentável, justa e saudável. O primeiro ponto de atenção é com relação à localidade, como ele coloca: “Controle local. Os proprietários da empresa devem residir na área onde ela opera, e nenhum proprietário individual pode deter mais de 5% do valor das ações da empresa.” (p. 169). Nestes termos, a Moy Park não é local. Ou ainda: é impossível ser local em uma rede empresarial transnacional. Não se trata tanto de geografia, mas dos modos de produção e do tamanho de quem produz. A solução é não comprar produtos apenas “locais” no rótulo. É necessário destrinchar a cadeia de produção e os fluxos financeiros.

Considerações finais

Por trás do “frango britânico” dos supermercados populares do Reino Unido, está uma corporação de origem brasileira. Os impactos locais de processos globais são mais complexos do que parecem. Mercadorias disfarçadas de “locais” são completamente atravessadas por diversos braços da globalização, com intensa manipulação entre o local e o global. Foi olhando as práticas locais da Moy Park e o contexto britânico que identifiquei o fenômeno do “*British chicken*”, uma espécie de fetichismo do local/regional/nacional. Vendendo frango “britânico” nos supermercados, a JBS e as elites locais que controlam a Moy Park mascaram as complexidades da produção da empresa, que é vista como local apesar de sua consorciação com níveis de agência até o transnacional. Um dia, lá atrás, na sua fundação, ela foi norte-irlandesa, mas há décadas está sob controle estrangeiro, desde antes de passar ao controle da JBS.

A localização da sede da Moy Park na Irlanda do Norte, um local em disputas separatistas intensas, por si só seria suficiente para questionar o quão “britânico” é o frango por ela produzido. Mas também apresentei outros elementos que mostram a manipulação da localidade: a genética do frango é estrangeira, a mão de obra é de imigrantes, os insumos para alimentação de aves são importados do Brasil. Este frango transnacional é um emblema da transnacionalidade da própria localidade. Craigavon, essa cidade industrial que muito prometeu a trabalhadores migrantes mas que pouco entregou em termos de

desenvolvimento e bem-estar a seus moradores, apesar de pequenina, é uma cidade marcada pelo nível transnacional. Entendo desta forma porque reúne sedes administrativas globais de corporações, é habitada por imigrantes e está localizada em um espaço em disputa identitária que, no mínimo, é bi-nacional (por controle imperial). Craigavon é uma ilustração da condensação dos níveis de escala que tratou Gustavo Lins Ribeiro (2023): um local mais do que permeado por fluxos globais, completamente penetrado pela transnacionalidade e, assim sendo, também penetra os mais altos níveis da escala.

Por trás de um dito caso de sucesso – capitalista – residem várias manipulações ideológicas que visam a controlar a opinião popular. Há muitas perguntas ainda a serem respondidas em pesquisas futuras, mas destaco a necessidade de antropólogos do Sul Global olharem mais para os problemas de democracia e colonialidade do Norte, realizando um estudo de elites que envolva mais o sistema mundo. Se a antropologia se fez com pesquisadores investigando comunidades colonizadas a serviço dos centros de dominação, já é passada a hora de antropólogos do Sul entenderem como se comportam as elites do Norte, como indica Ribeiro (2003).

Referências

Belfast Telegraph. (2023). **NI Local Election 2023**—Results. <https://www.belfasttelegraph.co.uk/news/politics>

Financial Times. (2023). **Northern Ireland: The paramilitaries that ‘never go away’**. <https://www.ft.com/content/7e83e463-0c45-46a6-a6a0-12668cb65dc9?syn-25a6b1a6=1>

Irlanda do Norte. (2023). **Census 2021**: Northern Ireland Statistics and Research Agency. <https://www.nisra.gov.uk/statistics/census/census-2021>

Irlanda do Norte. (1998). **The Belfast Agreement**: An agreement reached at the multi-party talks on Northern Ireland.

Mighty Earth. (2022). **The Boys From Brazil**: How JBS became the world’s largest meat company – and wrecked the climate to do it. Mighty Earth. <https://mightyeearth.org/article/the-boys-from-brazil-how-jbs-became-the-worlds-largest-meat-company-and-wrecked-the-climate-to-do-it/>

Reuters. (2024). **Sinn Fein largest Northern Ireland party in UK parliament for first time**. <https://www.reuters.com/world/uk/sinn-fein-becomes-largest-northern-ireland-party-uk-parliament-2024-07-05/>

Ribeiro, G. L. (2023). Scales, levels of agency and condensation. **Anuário Antropológico**, (v.48 n.2), 13–35. <https://doi.org/10.4000/aa.11073>

Ribeiro, G. L. (2003). **Postimperialismo**. Cultura y política en el mundo contemporáneo. Barcelona: Gedisa.

Striffler, S. (2005). **Chicken**: The dangerous transformation of America's favorite food. Yale University Press.

Tak, M., Karamchedu, A., & Syndicus, I. (2022). **Identifying economic and financial drivers of industrial livestock production**: The case of the global chicken industry. Guidance memo prepared for Tiny Beam Fund.

The Economist. (2023). **Beyond Good Friday**: The future of peace in Northern Ireland. The Economist. <https://www.economist.com/films/2023/04/06/beyond-good-friday-the-future-of-peace-in-northern-ireland>

The Grocer. (2008). **Marfrig buys Moy Park**. <https://www.thegrocer.co.uk/news/marfrig-buys-moy-park/127281.article>

The Irish Times. (2025). **End of segregation in Northern Ireland is a long way off, report finds**. <https://www.irishtimes.com/ireland/2025/03/13/end-of-segregation-in-northern-ireland-is-a-long-way-off-report-finds/>

The Irish Times. (2015). **Moy Park sold to world's biggest meatpacker in €1.32bn deal**. <https://www.irishtimes.com/business/agribusiness-and-food/moy-park-sold-to-world-s-biggest-meatpacker-in-1-32bn-deal-1.2258996>

Ulster Television Archive. (1963). **Architects and Planners on Building Craigavon**. <https://digitalfilmarchive.net/media/architects-and-planners-on-building-craigavon-3167>